

FLAUZINO ANTUNES NETO

**HISTÓRIA ECONÔMICA, DESENVOLVIMENTO E
POTENCIALIDADES DO MUNICÍPIO DE ITAPEVA (SP).**

**Monografia apresentada a conclusão do
Curso de Ciências Econômicas , da
Universidade Federal do Paraná.**

**Orientador: Prof. Guilherme Jonas
Costa da Silva**

CURITIBA

2004

FLAUZINO ANTUNES NETO

TERMO DE APROVACAO DE MONOGRAFIA.

**HISTÓRIA ECONOMICA, DESENVOLVIMENTO E
POTENCIALIDADES DE ITAPEVA (SP).**

Comunicamos ao Departamento de Economia e à Coordenação do Curso de Graduação em Ciências Econômicas (Bacharelado) a conclusão de Monografia.

Atenciosamente,



Professora Franciose Iatski de Lima (Examinadora)



Professor Romeu Herbet Friedlander Jr. (Examinador)



Professor Guilherme Jonas Costa da Silva (Orientador)

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| LISTA DE TABELAS | IV |
| RESUMO | V |
| 1. INTRODUÇÃO | 1 |
| 2. DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO | 3 |
| 3. FORMAÇÃO ECONÔMICA DE ITAPEVA | 9 |
| 3.1 PERÍODO PRÉ-FUNDAÇÃO ATÉ 1769 | 10 |
| 3.2 TROPEIRISMO 1769 A 1870 | 13 |
| 3.3 ALGODÃO 1870 A 1940 | 17 |
| 3.4 MINÉRIOS 1940 A 1970 | 27 |
| 4. EVOLUÇÃO DOS INDICADORES SOCIAIS DE ITAPEVA..... | 31 |
| 5. ITAPEVA E OS ASPECTOS GEOGRÁFICOS | 34 |
| 5.1 SOLO E SUBSOLO | 35 |
| 5.2 CLIMA E VEGETAÇÃO | 36 |
| 5.3 RELEVO | 37 |
| 5.4 HIDROGRAFIA | 37 |
| 6. CONCLUSÃO | 38 |
| REFERÊNCIAS | 40 |

RESUMO

No Brasil existe inúmeras desigualdades regionais, sejam elas pela extensão do país ou por regulação do livre mercado. Nas questões de livre mercado aquelas regiões que puderam ter acúmulos de capitais em seus ciclos econômicos conseguiram se industrializar e desenvolver-se economicamente. Apesar de São Paulo ser o estado mais desenvolvido da federação, conseguiu gerar regiões deprimidas e subdesenvolvidas economicamente desde o ciclo do café, pois o Estado estava comprometido com as questões macroeconômicas externas e da comercialização internacional do café, e não existia um intervencionismo estatal para questões internas de desenvolvimento, como investimentos em infra-estrutura, educação e saúde deixando toda a responsabilidade para empresas privadas, que geralmente eram internacionais ou relacionadas com os barões do café, estes desenvolviam as regiões do plantio e locais de interesses de grande mercado. Portanto a região do Estado onde não houve o plantio do café como a de Itapeva, não se desenvolveu pois não houve investimentos suficientes para se desenvolverem, apesar de ter possuído ciclos econômicos fortes de crescimento durante sua história. Esta política de livre mercado, na questão de economia regional, só fortalecerá na história regiões onde existem mercados desenvolvidos e enfraquecerá ainda mais as regiões subdesenvolvidas, é importante a ação estatal para planificar e corrigir estas imperfeições estruturais geradas pelo livre mercado, conhecendo os ciclos econômicos da região de Itapeva e agindo para o aparecimento de capitalistas empreendedores fortes do próprio município de Itapeva, e poder gerar o desenvolvimento local.

Palavras chave: Desenvolvimento econômico; estruturalismo; acúmulo de capital; intervenção estatal; subdesenvolvimento, ciclos econômicos.

LISTA DE TABELAS

| | pág. |
|---|------|
| TABELA 01 COMPARAÇÃO DO VALOR GERADO PELA FEIRA E O ORÇAMENTO DE SÃO PAULO | 16 |
| TABELA 02 CENSO DE ITAPEVA – 1874..... | 22 |
| TABELA 03 ATIVIDADES AGRPECUÁRIAS..... | 23 |
| TABELA 04 TAXAS ANUAIS DE CRESCIMENTO GEOMÉTRICO DO PESSOAL OCUPADO NA INDÚSTRIA..... | 29 |
| TABELA 05 TAXA DE CRESCIMENTO DE PESSOAL OCUPADO NA INDÚSTRIA DE ITAPEVA 1972..... | 30 |
| TABELA 06 POPULAÇÃO DA REGIÃO DE SOROCABA DO PERÍODO DE 1940 A 1970..... | 31 |
| TABELA 07 IDH DAS CIDADES DA REGIÃO DE SOROCABA – 1991 E 2000..... | 32 |

1. INTRODUÇÃO

A cidade de Itapeva apesar de ser o segundo maior município do Estado de São Paulo em extensão territorial, com uma área total de 1.826,72 km², e uma das mais antigas cidades a serem fundadas - em 20 de setembro de 1769, séc. XVIII - do Estado, de possuir atualmente 82.866 habitantes (IBGE, 2000) e contar com uma das mais diversificadas fontes de recursos naturais de São Paulo – seja na quantidade de volume de águas, rios, diversificação de minérios, áreas de reflorestamento (Pinus e Eucalipto), solos e áreas de terras férteis e agricultáveis -, que podem ser revertidos em atividades economicamente viáveis e gerando desenvolvimento da cidade num todo; não vem conseguindo através dos anos, reverter suas vantagens naturais para proporcionar um desenvolvimento econômico suficiente, que possa dar aos seus munícipes uma condição de vida condizente com sua grandeza, potencialidade, história, pois apresenta inúmeros e diferentes problemas sociais como: analfabetismo, mortalidade infantil elevada, desemprego e renda *per capita* baixa.

Comparada com cidades mais jovens e que já superaram as suas dificuldades socioeconômicas, contam com um número maior de habitantes e mostraram capacidade e vigor econômico superior ao de Itapeva - sem possuir tamanhas riquezas naturais. Essas cidades teoricamente deveriam estar, num estágio no mínimo semelhante ou, como deveria ser na realidade, inferior ao seu. Quais os motivos para tamanhas discrepâncias entre cidades do mesmo Estado? Uma das alternativas para responder as causas de diferentes níveis de indicadores socioeconômicos e o grau de desenvolvimento entre os municípios é, respondendo com a evolução da formação histórica dos municípios e sua capacidade de gerar excedentes econômicos, principalmente ter capacidade de poupar estes excedentes e com isso, gerar capacidade de investimentos para alavancar o desenvolvimento. Este trabalho engloba a evolução histórica das atividades econômicas de Itapeva, mostrando que sempre esteve a

margem ou numa atividade complementar dos processos econômicos dinâmicos na história da economia brasileira e regional, portanto não conseguindo gerar um excedente e uma capacidade de investimentos para seu desenvolvimento, comparando o processo histórico da formação econômica da região em estudo com as regiões que apresentaram uma dinâmica de desenvolvimento diferenciado, de uma forma genérica, para poder chegar a uma confirmação da hipótese acima mencionada.

Para um melhor entendimento e compreensão deste trabalho, as estruturas do texto foram divididas em quatro grandes partes: a primeira discorre os pontos importantes a serem abordados de forma a oferecer uma melhor compreensão sobre o tema; a segunda explicará a evolução da economia itapevense, suas características, peculiaridades e as influências do meio sobre o indivíduo e a sociedade, sendo estes os aspectos geográficos que conseqüentemente também determinam o meio social, dados socioeconômicos de Itapeva e alguns municípios da região, do estado de São Paulo, será usado índices do IDH, por exemplo, entre outros e finalmente um item sobre a formação de sua história econômica neste caso será trabalhado a evolução econômica através de seus principais ciclos econômicos, desde o período antes da fundação, passando pelo Tropeirismo (1769 a 1870), o algodão (1870 a 1940), até a Mineração (1940 a 1970) – divisões históricas e econômicas, sugeridas e defendidas também pelo autor itapevense BARBOSA (1988), a instituição estadual de estatística histórica a FUNDAÇÃO SEADE (2003) e o jornal FOLHA DO SUL (1971) -, com os aspectos geográficos o espaço socioeconômico será formado, a periodização da evolução da história econômica definiremos, o tempo, juntando os dois conseguiremos trabalhar sobre uma linha no espaço-tempo de Itapeva. Terceira e última parte, oferece interpretações e confirmações sobre as informações expostas no desenvolvimento deste trabalho, bem como a definição do espaço econômico da cidade e seus resultados satisfatórios ou não nos dias atuais.

2. DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

Cabe expor neste trabalho, os conceitos elaborados pelas ciências econômicas sobre o desenvolvimento econômico e qual destes será utilizado para explicar o desenvolvimento da cidade de Itapeva. Esta necessidade de estudar o crescimento econômico das sociedades fica mais explícita, conforme MILONE (1993, p.467), “A idéia de crescimento econômico é recente. Antes do surgimento do Capitalismo as sociedades encontravam-se em estágios estagnados. Elas eram basicamente agrícolas e variavam pouco ao longo dos anos (...) O Capitalismo, trazendo contínuas mudanças tecnológicas e acumulação, alterou de forma radical as estruturas dessas sociedades (...) dobrando a produção a cada 25 anos...”.

Da observação da realidade caminhou-se para uma tentativa de entendimento e posterior explicação de como uma sociedade cresce economicamente. Na teoria econômica, tem um certo consenso do mínimo necessário para que ocorra crescimento econômico quando há: Acumulo de capital; Crescimento da população e Progresso tecnológico. De acordo com MILONE (1993), a acumulação de capital se dá através do aumento de máquinas, indústrias, da realização de obras de infra-estrutura e do investimento de recursos humanos; o crescimento da população é importante para o aumento da força de trabalho e criação de um mercado interno consumidor e por último o progresso tecnológico serve como um poupador de capital ou de força de trabalho. Dentro de um contexto no qual o processo de crescimento pode ser mais bem descrito como sendo um processo de transformação, os chamados economistas históricos tentaram desenvolver teorias de estágios do crescimento, pelos quais a economia de qualquer sociedade deveria necessariamente passar.

Ainda será necessário definir o desenvolvimento econômico dentro da óptica da teoria econômica, de acordo com MILONE (1993, p. 470), o “...desenvolvimento econômico é um processo de aperfeiçoamento em relação a um conjunto de valores

desejáveis pela sociedade. É um conjunto normativo e é medido de forma diferente pelas diferentes pessoas da sociedade...” e continua da seguinte forma que o desenvolvimento deve considerar as desigualdades, a pobreza e o desemprego. Para enfatizar melhor, como podemos conceituar a diferença entre o crescimento e o desenvolvimento econômico? Conforme MILONE (1993), crescimento econômico entende-se no aumento contínuo ao longo do tempo da produção em termos globais ou *per capita*. Este critério implica também uma melhor eficiência do sistema produtivo. E, por desenvolvimento econômico entendem-se, além das mudanças de caráter quantitativo dos níveis da produção, as modificações que alteram a composição do produto e a alocação dos recursos pelos diferentes setores da economia.

Depois do exposto sobre as teorias de crescimento e desenvolvimento, a teoria econômica adotada para este trabalho, foi a do desenvolvimento analítico estrutural de Celso Furtado, pois um modelo “analítico é uma construção mental consistindo de um conjunto de elementos em inter-relação, estando precisamente definidos tanto os elementos como suas relações” conforme FURTADO (1964, p. 20). E o desenvolvimento econômico defendido por FURTADO (1964, p. 29), baseia-se “como um processo de mudança social pelo qual um número crescente de necessidades humanas – preexistentes ou criadas pela própria mudança – são satisfeitas através de uma diferenciação no sistema produtivo decorrente da introdução de inovações tecnológicas”.

Neste sentido, o processo analítico estrutural defende: intervenção maciça do Estado na economia (através de estatais), de uma forma planejada e integral para corrigir desigualdades regionais geradas pela livre iniciativa do mercado; o desenvolvimento de um mercado interno forte e sua renda bem distribuída na população e por último defende interação dos agentes econômicos capitalistas na iniciativa nacionalista e regionalista da propulsão do desenvolvimento, conforme BIELSCHOWSKY (1996). E os principais componentes da teoria, são buscas das

causas do subdesenvolvimento provocadas pelo capitalismo de livre mercado, gerando regiões ricas na mesma proporção da geração de regiões pobres.

Por este relacionamento próximo, entre a teoria e a realidade do município sobre o subdesenvolvimento, será exposto exemplo de desenvolvimento econômico de Itapeva com um acompanhamento de ciclos econômicos nacionais e regionais conforme PRADO JÚNIOR (1946), FURTADO (1963) e LOBO (1969) – renomados autores da história econômica brasileira. O Brasil desde seu descobrimento, teve um período inicial extrativista e três ciclos econômicos importantes, com algumas atividades complementares, gerando recursos e excedentes econômicos através da exportação de bens primários para sua acumulação primitiva financiando, alavancando e alcançando o desenvolvimento econômico e social da sociedade até chegar na era da industrialização moderna. No primeiro ciclo econômico do Brasil (do Açúcar), o Estado de São Paulo (antiga Província Vicentina) não participava integralmente do processo, muito menos Itapeva, pois a mesma nem fora fundada na referida época. O excedente ficava somente na região Nordeste e na Metrópole – este ciclo, não criou uma elite estritamente nacional preocupada com a colonização e desenvolvimento do país, pois, mandava todo o excedente para Portugal.

Itapeva no período do ciclo do ouro servia de base, para recuperação, doma e engorda (invernada) dos animais, transportados pelos tropeiros, o único meio de transporte de carga do ouro - dos locais de extração para os portos, da época.

Esta cidade ficava em um dos postos intermediários e estratégicos na antiga estrada Real Geral, que ligava São Paulo ao sul do País. Os animais criados no Rio Grande do Sul eram transportados ainda xucro em grandes comitivas para serem vendidos na feira de muares de Sorocaba, na famosa rota Viamão/Sorocaba, local onde os mineiros encontravam e compravam o melhor meio de transporte da época, com qualidade e resistência para suportar e escoar, a produção crescente do ouro da área central do país, ao porto do Rio de Janeiro, que por sua vez exportava à Europa.

Atividades econômicas do ciclo complementar ao do ouro, não geravam excedentes econômicos suficientes para alavancar a economia do município de Itapeva ou despertar a atenção dos governantes, tanto Nacional como Estadual.

Os recursos econômicos gerados neste ciclo ficavam, em sua maioria, nos locais de extração (Minas Gerais) e exportação (Rio de Janeiro). No ciclo complementar do tropeirismo, a receita ficava na área de produção (Rio Grande do Sul) e no local da feira (Sorocaba-SP) conforme STRAFORINI (2001). As cidades no meio do caminho das tropas, sobreviviam e às vezes até subsistiam com algumas sobras deste excedente gerado. Neste caso da cidade de Itapeva, que fornecia serviços de pouso e alimentação para os tropeiros, venda de arreios e artigos de couro em geral, pastos para a engorda (conhecido como invernada) e doma dos animais que ali permaneciam. Foi a partir deste ciclo (do tropeirismo), que Itapeva existiu, criou fôlego e forças para continuar até o fim do ciclo do ouro e início do ciclo do café, quando houve as mudanças estruturais do Brasil e o lombo dos animais já não serviam mais para meio de transporte de carga. A partir daí a cidade teve que se afirmar e procurar em um outro produto seu meio de sobrevivência econômica e conseqüentemente encontrar um novo ciclo de atividades.

No ciclo econômico do café, as regiões do Vale do Paraíba, de Campinas e do Oeste do Estado de São Paulo se transformavam em um “verdadeiro mar verde” com o advento da expansão das plantações de café, graças às condições climáticas, relevo e solo de terra roxa, favoráveis ao desenvolvimento pleno do produto. Assim puderam explorar o máximo de suas potencialidades econômicas, como afirma, PRADO JÚNIOR (1945, p.163), “tem que ter as condições climáticas estáveis, não variando entre 5° a 33°C e ter solo fértil, tipo a terra roxa, pois a planta do café é muito sensível e não produz na sua plenitude se não tiver nas condições necessárias”. Como as regiões acima citadas possuíam todos os requisitos necessários para um “casamento perfeito” com o café, conheceram todo esplendor do desenvolvimento

socioeconômico, ímpar, proporcionado pelo excedente econômico da produção do café. Este ciclo, diferentemente dos demais ciclos econômicos do Brasil, criou uma elite econômica – a classe burguesa dos barões do café - realmente nacional e interessada em investir no progresso e no desenvolvimento de infra-estruturas regionais. Ressaltam-se os investimentos eram de interesse próprio, mas contribuiu para o engrandecimento da sociedade paulista de uma forma geral, como comprova SILVA (1986, p.151), “... as Cias. Sorocabana, Paulista e Mogiana de estradas de ferro, foram organizadas pelo os cafeicultores, ou seja, com capital gerado do café”. Isto acelerou as desigualdades regionais, as regiões que possuíam uma plantação de café tiveram benefícios e as regiões impedidas de possuir café não tiveram nada e estariam fadados ao esquecimento, exemplos claros, das desigualdades proporcionadas pelo livre mercado, na economia regionais conforme em FURTADO (1964), na *Dialética do Desenvolvimento*.

A região de Itapeva, não contou com tanta “sorte do destino e da natureza”, por não possuir todas as condições naturais necessárias a uma produção economicamente eficiente da cultura do café. Apesar de possuir solo fértil sua localização geográfica proporciona um clima frio e com uma instabilidade climática crônica, e o tipo de relevo muito acidentado em algumas partes do território – ver secção 5, sobre aspectos geográficos deste trabalho -, não condizia com as necessidades da planta do café para uma exploração de sua plenitude econômica.

Existiram alguns valorosos e corajosos agricultores que tentaram produzir em algumas regiões de Itapeva, mas sem muito sucesso econômico e financeiro, principalmente pelos altos custos da produção, irregularidade de lucro nas colheitas instabilidade do clima e constantes geadas. Por conta disto tivemos que nos contentar em apenas ver o desenvolvimento econômico regional passar “à nossa porta, sem poder desfrutar dele. O município foi um dos últimos a contar com uma rede férrea que atendesse as necessidades de transporte, tanto de carga como de

passageiros. A inauguração foi um motivo de festa no município. A tão esperada melhoria, aconteceu apenas em 1º de abril de 1909, conforme afirma o escritor itapevense GRETZ (2002, p.31) ...”a população foi despertada pela banda de música que percorria todas as ruas. Desde muito cedo, a estação estava cheia de gente esperando o grande acontecimento...”. Esse acontecimento foi tão importante, que contou com a presença do Presidente da República, Dr. Affonso Pena e também com o excelentíssimo Presidente (Governador) do Estado, Dr. Albuquerque Lins, em quanto a grande maioria das regiões do estado já era bem atendido pela rede de estradas de ferro já nos anos de 1900. Neste período a atividade econômica que se sobressaiu em Itapeva, perante as demais cidades foi, a cultura do algodão, que impulsionou a economia e possibilitou um certo desenvolvimento, assim como também a vinda da estrada de ferro”.

Sem participar dos grandes ciclos geradores de recursos e excedentes do Brasil ou do Estado, foram geradas em Itapeva atividades econômicas que realizassem e proporcionassem excedentes suficientes para garantir o sustento da cidade, e às vezes, até um certo crescimento, como o tropeirismo, o plantio do algodão e do trigo a criação de porcos – fim do século XIX e início do século XX – e a mineração em meados do século XX, o que elevou a cidade a condição de pólo regional perante os municípios da região Sudoeste de São Paulo. Porém isto se deu de maneira muito lenta em relação aos municípios das regiões norte e oeste do Estado de São Paulo, e bem abaixo de suas capacidades e potencialidades, dependendo muito de sazonalidades.

Isto revolta a população de regiões subdesenvolvidas do Estado, em relação aos municípios desenvolvidos do Estado, os quais foram bem sucedidos em tão pouco tempo, e estes acabam exigindo e esperando dos Governos, Municipal, Estadual e Federal respostas, ações e soluções que corrigissem os desequilíbrios socioeconômicos, entre as regiões do Estado, correções das desigualdades geradas pela política livre mercado adotado pelos sucessivos Governos. Agora estas questões não se

resolvem do dia para noite ou num mesmo período e gestão de governo para se corrigir, apenas com políticas intervencionistas do Estado, planejadas e de longo prazo poderá resolver estas desigualdades regionais, conforme FURTADO (1964).

Com método estrutural econômico e histórico crítico, buscou pesquisar as raízes históricas, para compreender sua natureza, função e descrever o processo de colonização humana do município, desde o início, assim como principais características geográficas naturais. Desta forma se faz necessário investigar a geografia, os acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar sua influência na sociedade de hoje, apontando, conhecendo e compreendendo o passado através da ótica, da formação econômica e identificando as causas dinâmicas que acarretaram na diferenciação de desenvolvimento entre as cidades. Desta forma, será possível elaborar soluções factíveis ao desenvolvimento da Região de Itapeva, a compreensão do gênese e o desenvolvimento dos resultados hodiernos e possibilitando comparações com as mais diversas sociedades.

3. FORMAÇÃO ECONÔMICA DE ITAPEVA

Itapeva possui ciclos econômicos claros definidos no tempo e no espaço, cabe neste capítulo defini-los e estrutura-los dentro da ótica econômica e de um processo histórico de desenvolvimento econômico. Usando conhecimentos de processos estruturalista de aproveitamento das potencialidades, da intervenção do Estado, da criação de um mercado regional próprio e até de práticas sociais como definição de um espaço social e de formação histórico-cultural, e o biótipo da população. Esta será a tônica deste capítulo de exposição de fatos históricos econômicos que formaram a cidade de Itapeva, do períodos antes a fundação (1769) até o ano de 1970.

Sendo este dividido em três itens de atividade econômica e tempo, no

período anterior 1769 onde a região vivia da exploração e caça de nativos indígenas; da fundação a 1870 a cidade se formou e marcou culturalmente a cidade com o tropeirismo; de 1870 à 1940, quando “descobriu-se o ouro branco” do algodão na região de Itapeva e a cidade, com isso, floresceu e desenvolveu-se com cultura e investimentos de infra-estrutura básica; e o último grande ciclo de 1940 à 1970, o maior ciclo econômico da cidade com altos volumes de investimentos privados, aumento de emprego e renda, a cidade ganhou destaque no cenário estadual.

3.1 PERÍODO PRÉ-FUNDAÇÃO ATÉ 1769

Nos primeiros tempos da colonização (idos de 1530), o Estado de São Paulo pertencia à capitania de São Vicente, eram tempos difíceis, pois, havia poucos homens para o trabalho, as casas da vila eram pequenas e frágeis, o vilarejo era rodeado de matas, animais ferozes e sempre havia ameaça constante de ataques dos bugres das redondezas. As atividades econômicas da capitania, que sustentavam a população inicial de São Vicente, giravam ao redor de uma agricultura simples e rudimentar – estas ficavam margeando o litoral por causa das dificuldades de transpor a Serra do Mar -, algumas vezes os habitantes portugueses se “entretinham” no escambo com os nativos – os nativos forneciam pesca, caça, produtos de roça, canoas, redes, cerâmicas e produtos vegetais coletados na natureza - e raramente na mineração de aluvião, sem obter resultados expressivos. Mas uma atividade econômica recente vinha crescendo lentamente e despertando um interesse especial, no Chefe da Capitania, pela sua facilidade e rentabilidade financeira: o comércio de escravos indígenas. Os índios escravos eram vendidos entre os portugueses ou para embarcações clandestinas que aportavam ali em troca de armamentos, munições, algumas fazendas e outros artigos necessários a um conforto maior que lembrasse o mundo civilizado europeu.

Esta nova atividade econômica forneceu suporte financeiro, que por sua

incentivou e encorajou os primitivos paulistas a subirem a serra e transpor este terrível obstáculo, ficando mais concreto o sonho de colonização do interior de São Paulo e estabelecendo povoações e vilarejos, para definitivamente firmar os brancos no planalto paulista. Nesta conquista do planalto, fundou-se a Vila de São Paulo de Piratininga, cidade esta que manteve o espírito aventureiro e empreendedor de seus antepassados e a necessidade de sobreviver de artigos de exploração e das vendas de índios escravos, encontrados nas matas do interior, conforme afirma BRUNO (1966, p.35), “Na etapa da formação paulista caracterizada, sobretudo pelo bandeirismo preador – de fins do século XVI a meados do século XVII -, em que condições se processaram a ocupação de novas áreas de território, para além daquela compreendida, na zona costeira...”.

As andanças dos bandeirantes, com as suas bandeiras atrás de ouro, pedras preciosas e de índios – estes agora eram vendidos aos senhores de Engenho do Nordeste, para o início da produção do açúcar, depois foram substituídos pelos negros africanos muito mais eficientes no trabalho pesado -, não foi um movimento povoador de início, mas contribuiu muito para a formação de caminhos, da descoberta e aquisições de novas regiões e constituição de áreas desmatadas, facilitando as ações a um posterior povoamento, e ajudando nessa grande empreitada de colonização. Outros fatores preponderantes para a fixação dos habitantes no interior foram as missões jesuíticas Índios e brancos juntos, formaram pequenas aldeias, contribuindo para a formação de um novo biótipo humano característico no Brasil Colonial: os mamelucos. Estes que chegaram a ser a maioria da população paulista da época -, com áreas de plantações em volta garantindo a produção do alimento de cada dia.

Com a fixação, e fundações de novas vilas, portanto conseguindo a importante estabilização dos colonizadores no planalto, a economia da interna província conseguiu se equilibrar e expandir com o advento da produção diversificada da agricultura (feijão e milho principalmente) e também da pecuária (com a criação de

gado das espécies vacuns e eqüinos), estes se estabelecendo fortemente ao sul da província. Isto proporcionou um aumento do comércio entre as vilas e cidades, pois estas não paravam de crescer e os seus habitantes rumavam para outras paragens fundando novas vilas e cidades, necessitando do governante melhoria dos meios de comunicação, que na época eram as estradas.

Com as fundações de Sorocaba (1646), Paranaguá (1648) e Curitiba (1653), fez-se necessário o prolongamento da estrada São Paulo a Sorocaba em 1693, pelos criadores de gado, no sentido de Curitiba e mais tarde entre 1721 a 1725, até o Rio Grande do Sul. Esta estrada ficou conhecida como Caminhos do Sul, conforme BRUNO (1966 p. 80). Com as descobertas das minas de ouro no coração do Brasil e a instalação desse ciclo econômico (fim do séc. XVIII e início do séc. XIX) aumentou o número de pessoas e tropas de condução de gados, que se utilizavam do Caminho do Sul. Foi nesse caminho que surgiu a necessidade de se fundar uma nova vila, em um lugar estratégico já conhecido das tropas em suas paradas, entre Curitiba e Sorocaba, pois não havia nenhuma vila entre essas duas. Por ordem da Coroa Real Portuguesa fora determinada com urgência as fundações de novas vilas. Como afirma BRUNO (1966 p. 86):

“Na zona centralizada pelo caminho que de São Paulo procurava Sorocaba e daí se prolongava para o Sul (...) dois novos núcleos de povoação emergiram em 1766: Itapetininga a oeste de Sorocaba, e Itapeva da Faxina, a sudoeste de Itapetininga (...) Da fundação de Itapeva da Faxina, que era para ver se acrescentam para aquela parte mais as povoações, por as não haver em toda a distância de Sorocaba até Curitiba, se encarregou Antonio Furquim Pedroso – e ela teve a categoria de vila no ano 1769.”

O lugar conhecido pelos tropeiros para seu pouso, era uma antiga missão jesuítica que aldeava e catequizava os índios Guainãs e ficava na margem esquerda do rio Apiaí-Guaçu – num local conhecido como Vila Velha Dezesesseis anos mais tarde a vila foi transferida por motivos pouco conhecidos. Atendendo aos pedidos dos moradores, o Capitão Mor do Estado ordenou a mudança para o local chamado pelos índios de Itapeva, que quer dizer em tupi Pedra Chata (plana, pequena). Os portugueses

a batizaram de Itapeva da Faxina, local onde se encontra a cidade até hoje, mas com o nome apenas de Itapeva.

3.2 TROPEIRISMO: 1769 A 1870.

Talvez por falta de documentação ou por descaso mesmo, pouco se sabe sobre essa atividade econômica, sobre a vida dos tropeiros e das sociedades envolvidas com eles. (“Por décadas a historiografia tradicional procurou explicar o Brasil através dos três grandes ciclos econômicos (...). Nessa perspectiva, somente os espaços envolvidos diretamente nas respectivas atividades eram possíveis de apresentar algum desenvolvimento econômico, social e cultural. Os demais espaços eram considerados sertões e/ou vilas perdidas no nada”) esta afirmação feita pelo STRAFORINI (2001, p.15), explica de certa forma a renegação ao segundo plano de várias atividades econômicas regionais fortes e importantes que impulsionaram cidades, regiões e até mesmo Estados inteiros, que transformaram o País, como o mate no Paraná e o tropeirismo na região sul do Brasil e sudoeste de São Paulo, neste caso STRAFORINI (2001, p.15) é veemente:

“...é possível inserir o tropeirismo na história do Brasil. Embora tenha sido um sistema racionalmente organizado para fazer chegar os produtos aos portos, como o ouro de Minas Gerais, o açúcar do interior paulista e, posteriormente, o café, o tropeirismo organizava-se de forma singular, pois envolvia uma vasta porção do território brasileiro, numa nítida divisão territorial e social do trabalho. Do Rio Grande do Sul até Sorocaba (SP) verificavam-se configurações territoriais diferenciadas segundo o papel que cada região, vila e/ou cidade possuía no tropeirismo, ou seja: o da criação, da pastagem (invernada) e/ou para a domesticação, para comercialização e, finalmente para a circulação de mercadorias.”.

A Coroa Portuguesa via com bons olhos a atividade econômica dos tropeiros, pois, fazia o jogo de expansão e colonização da porção Sul que a Coroa tanto queria, criavam as estradas (na maioria das vezes as estradas eram abertas pelos cascos dos animais) para as melhorias das comunicações entre as cidades e por último faziam com

que houvesse a circulação de mercadorias dentro da colônia, agilizando o transporte de ouro das minas ao porto. Itapeva fora fundada por ordem da Coroa para os tropeiros servir-lhes bem, com tudo do bom e do melhor, pois o tropeirismo não se tratava apenas de uma humilde excursão, uma romaria religiosa ou uma simples viagem de alguns aventureiros sem ter nada para fazer. Enquanto algumas cidades e regiões se formavam a luz dos interesses mercantilistas – Minas e o Nordeste açucareiro –, outras seguiram no ritmo do toar das marchas das Tropas. O tropeirismo era uma atividade econômica séria com divisões territoriais e sociais de trabalho e de alto volume de cifras monetárias envolvidas pela compra e venda de muares, como também pelos produtos e serviços criados nas cidades e vilarejos, como afirma BARBOSA (1988, vol. 1 p.5): “Na época dos tropeiros cresceu muito as atividades de pequenos artesãos de couro, cangalhas, selas e arreios de todo tipo, bem como a atividade dos ferreiros, (...) ‘é costume imemorial dos ferradores aboletarem-se nas entradas e saídas das cidades’...”.

As divisões sociais do trabalho eram intensas, bem definidas e divididas por espaçamento geográfico, ou seja, existia uma divisão territorial do trabalho e outra interna que era própria da tropa, aonde se classificavam os ofícios e as hierarquias. Na divisão territorial deste sistema de produção, cabia aos gaúchos a incumbência da geração dos animais, aos paranaenses os aluguéis dos campos de invernadas (onde os animais se recuperavam e engordavam, pois devido ao desgaste da viagem, estes sofriam, perdiam peso e o valor também) aos paulistas antes da feira de Sorocaba os campos de doma (os animais vinham xucros ou semi-selvagens do sul e precisavam de treinamento e adestração para a monta, isto se agregava valores aos muares, e era melhor fazer em regiões perto da feira, em fazendas especializadas) e aos paulistas de Sorocaba a comercialização e distribuição para todas as partes da Colônia. Já na divisão interna das tropas existia a figura dos tropeiros (os donos da tropa), dos camaradas, condutores, cozinheiros e aprendizes; o tropeiro era o que ficava com a

maior parte dos lucros da empreitada. A grande massa de peões, quando assalariadas não recebiam grande quantidade de dinheiro, e quando não assalariados se contentavam com comida e alguns trocados.

Com o passar do tempo os donos da tropa iam se enriquecendo, e à medida que isto acontecia, eles deixavam gradualmente de acompanhar as tropas nas empreitadas de busca e condução dos animais do Rio Grande do Sul à Sorocaba, para sofrer riscos de ataques indígenas, roubos dificuldades climáticas e o tempo de duração da viagem, que as vezes chegavam a seis meses. Em seu lugar era colocado alguém de confiança, geralmente o capataz; existindo também uma forma de arrendamento ou aluguel das tropas: o tropeiro alugava sua tropa a um terceiro e recebia parte da mercadoria transportada ou em dinheiro. Existiam nessa época tipos de tropas: uma transportava animais xucros e a outra arriada possuía animais já domados para transportar mercadorias.

Somente no início do movimento a imagem do tropeiro poderia ser associada, a de um homem rústico, forte, corajoso e bravo, Isto fora forjado e associado com as condições severas do clima e com as dificuldades do percurso e do ofício propriamente dito, mas, com o passar do tempo, a acentuação da divisão social do trabalho proporcionou o enraizamento destas a cidade e a velha imagem de rústico deixou de ser usado ao tropeiro, continuou valendo aos peões, como explica STRAFORINI (2001, p. 26 e 27):

“Apenas o homem já adaptado poderia vencer as dificuldades impostas pela natureza. Foi assim que se destacou o peão, mestiço do branco com o negro, ou do branco com o indígena que muitas vezes começavam com uma pequena tropa e se tornavam, futuramente, grandes e poderosos tropeiros. (...) ‘Com razão se considera o paulista o mais forte, saudável e enérgico habitante do Brasil. O vigor muscular com que amansavam os cavalos bravios e o gado selvagem por meio de laço é tão maravilhoso, como a facilidade com que suportam contínuos trabalhos e canseiras, fome e sede, frio e calor, intempéries e privações de toda a sorte’. Desse elemento humano é que era feito o tropeiro...”.

Depois de um período a condição de tropeiro e peão, deixou de ser uma questão de ordem natural das características do indivíduo, e sim uma necessidade

social, pois, não havia muitas opções de trabalho para os mestiços livres da época - que não possuíam qualificações e estudos para desempenharem outros ofícios -, e se tornou complemento de renda, ou mesmo o próprio sustento das famílias.

Um dos grandes feitos destes homens destemidos do tropeirismo foi, a produção de uma região e um espaço econômico homogêneo, resultado tanto de sua divisão espacial e social de trabalho, como de seu ritmo de viagem para a locomoção de animais e mercadorias. Por exemplo, as tropas paulistas eram acostumadas a viajar de doze a quatorze horas entre pouso e recuperação dos animais, pois a lógica era que os animais chegassem gordos na feira. Nessas paradas surgiam armazéns, vendas e pensões para pouso, assim conseqüentemente as cidades, como afirma STRAFORINI (2001, p. 82). Essa velocidade de deslocamento das tropas resultou fundação das cidades, que ficavam na estrada Viamão/Sorocaba, com aproximadamente a mesma distância uma das outras, pois era o tempo que levam na caminhada do amanhecer até ao entardecer para o descanso dos animais.

O tropeirismo forneceu não só instrumentos históricos e sociais de suma importância para a região, mas uma dinâmica econômica com a geração de excedente econômico. Mostrada com a relação do recurso gerado na feira e com a arrecadação de impostos pela província de São Paulo, e seu respectivo orçamento, como mostra a tabela abaixo:

TABELA 1 – COMPARAÇÃO DO V. GERADO PELA FEIRA E O ORÇAMENTO DE SÃO PAULO 1822-1829.

| ANO | PREÇOS DAS RESES | PREÇO DO MUAR NA FEIRA | TOTAL DE ANIMAIS | TOTAL \$ RESES/MUARES | ORÇAMENTO DA PROVÍNCIA |
|------|------------------|------------------------|------------------|--------------------------------|------------------------|
| 1822 | 6\$000 | 14\$000 a 20\$000 | 28.264 | 335:669\$000 a 460:235\$000 | 179:788\$445 |
| 1826 | 6\$000 | 26\$000 | 20.840 | 413:220\$000 | 197:850\$480 |
| 1827 | 6\$000 | 26\$000 a 28\$000 | 19.211 | 318:968\$000 a 343:304\$000 | 297:619\$764 |
| 1829 | 6\$000 | 60\$000 | 14.417 | 554:204\$000 | ... |

FONTE: Straforini (2001 p. 72).

NOTA: Unidade monetária, Réis e sua forma de apresentação.

(...) Dado não disponível

Somente a feira de muares, o que era vendido e comprado gerava uma circulação de dinheiro que no seu auge chegava a ser maior que orçamento da província de São Paulo inteira, Boa parte deste montante permanecia na cidade paulista de Sorocaba, sede da feira, pois ali se estabeleceram casas financeiras cujos donos eram sorocabanos de origem, lojas especializadas de alta complexidade para atender tropeiros e mineiros, casas noturnas, bares e etc, isto sem contabilizar o dinheiro gerado na produção e no deslocamento, melhor dizendo em todo o ciclo que diluía pelo percurso das tropas do Rio Grande do Sul a Minas Gerais, conforme STRAFORINI (2001).

3.3 ALGODÃO: 1870 A 1940.

Apenas em meados do século XVIII com as revoluções industriais, que o algodão foi transformado na principal fibra têxtil e no mais importante produto das Américas, no Brasil, o Maranhão despontou como o primeiro grande produtor da malvácea e em 1760 já exportava para a Europa 130 sacas de algodão para chegar em 1830 a 78.300 sacas. Porém, com a Guerra da Secessão nos Estados Unidos (1860 a 1865), paralisando em parte a exportação da fibra deste país à Europa, por isso desencadeou no Brasil um novo surto algodoeiro, que durou pouco mais de 10 anos. Sua influência, porém, prolongou-se por muito mais tempo, ao contribuir para fundamentar o progresso da cotonicultura brasileira, especialmente em São Paulo, que ocorrera depois.

Até então, no Brasil se cultivava o algodão arbóreo. Por essa época o algodão herbáceo foi introduzido no País e pela primeira vez na história, São Paulo se destaca como produtor desta fibra. A cultura do algodoeiro anual se expandiu por todo o Estado, apesar da inexperiência dos agricultores em cultivá-lo. Somente pela ocasião da I Grande Guerra Mundial, que coincidiu com a brutal geadas de 1918, a qual devastou os cafezais, o algodão teve outro surto em São Paulo, que atingiu a produção

recorde de 50 mil toneladas de plumas. Já se notou, no decorrer desta exposição, que os surtos algodoeiros em São Paulo eram provocados por fatores externos ocasionais. Na década de 30, o fator interno seria predominante, pois a crise do café ocorrida em 1929 acarretou profundo abalo na economia brasileira, especialmente em São Paulo, que girava em torno deste produto.

Desmoronaram-se então as estruturas cafeeiras, dando lugar ao ressurgimento da cotonicultura com uma expansão no Estado, agora já apoiada em técnicas modernas e pesquisas regionais. O início da nova fase algodoeiro, os agricultores puderam contar com sementes selecionadas, o que sempre faltou nos surtos anteriores, e, de 1934 em diante, toda a lavoura do Estado era de variedades paulistas. Nesse mesmo período, a produção de algodão em pluma em São Paulo, elevava-se de 4.000 para 100.000 toneladas. A conquista dos mercados mundiais, em virtude das boas qualidades das fibras foi possível e a produção continuou aumentando, para chegar ao clímax em 1944, com 463.000 toneladas. Todavia, com a expansão da cultura, alastraram-se também as pragas, provocando alarmante queda de produtividade da cultura, a área no Estado reduziu-se drasticamente.

A entrada do algodão em São Paulo foi, pela região de Sorocaba (1861) pelo fato de melhor adaptação da planta com as condições climáticas da localidade e também face às outras regiões paulistas estavam amplamente comprometidas e envolvidas com a produção do café. Apesar de ter sido plantada de uma forma rudimentar e pelos agricultores pobres, “em 1865 a cidade já contava com oito desencaroçadores, e no ano seguinte já passava a contar com quarenta” STRAFORINI (2001, p.105), isto porque contou com apoio direto da Inglaterra e do Governo paulista, com o objetivo de atender o mercado internacional, mais precisamente para poder suprir o seu fornecimento de algodão para suas indústrias têxteis.

A região de Sorocaba, também foi pioneira em se empreender numa construção de fábrica, que visava a produção de tecidos no interior da Província de

São Paulo em 1869, e principalmente na localização da fábrica, a cidade paulista de Itu, poderia parecer um projeto inviável devido ao suposto isolamento a que ela estaria exposta e, sobretudo, pela pouca representatividade da cultura cafeeira naquele local, em comparação com a opulência da região do Oeste Paulista.

No entanto, a trajetória econômica e política de Itu demonstram contrariamente, uma relação estreita entre aquele local e o seu tempo. Desta forma, após a cultura canavieira, dos séculos XVIII, ter possibilitado a construção de engenhos de açúcar, casas bandeiristas e Igrejas (hoje, testemunhas desse processo) e, do café, no século XIX, com suas casas de fazenda e urbana assobradadas, a cultura do algodão em Itu e Sorocaba, à partir de 1860, além de ter oferecido a matéria-prima necessária para a fabricação de panos, possibilitou a presença de uma série de inovações tecnológicas para a sua transformação em fibras e fios. Este mesmo processo de mecanização agrícola ocorria também nas fazendas de Café pela difusão das máquinas de beneficiamento.

Esta fábrica produzia "algodão grosso da terra" destinado principalmente às roupas de escravos, trabalhadores na agricultura e para o ensacamento do sal, em Santos. Projetada também para que futuramente fossem produzidos tecidos finos, a fábrica empregava inicialmente mulheres e crianças para trabalharem nos 24 teares que possuía, recebendo um jornal de 1\$000. Em 1873 traz mais detalhadamente as condições na qual se realizava o trabalho: 52 pessoas, sendo 24 mulheres, 10 homens e 18 meninos, todos operários nacionais e livres, característica que também pode ser notada posteriormente nas fábricas pertencentes na localidade de Salto (SP) – município vizinho a Itu. A direção da fábrica de Itu não solicitou imigrantes para serem operários fabris, e em 1901, somente 10% da força de trabalho era estrangeira, ao contrário das primeiras fábricas de Salto que juntas, neste mesmo ano, contavam com 400 operários, sendo 2/3 estrangeiros.

Portanto nesta conjuntura econômica mundial, estadual e regional, Itapeva

também se inseriu no contexto internacional através do comércio do algodão, com a solicitação do Governo da Província que envio ofícios a Câmara Municipal que incentivavam os agricultores de Itapeva a plantarem o algodão. Como veremos a seguir no texto, do BARBOSA (1988, vol. 2, p. 167), “o Sr. Governador desta província pede que esta douta Câmara propague os incentivos dados pelo Governo para as plantações do algodão a todos munícipes de Itapeva...”, e a Câmara Municipal soltou o seguinte manifesto através dos vereadores em resposta as diretrizes do Governo da Província, segundo BARBOSA(1988, vol.3, p. 126):

“... foi indicado que a Câmara, continuando os esforços que tem se empregado no intuito de se desenvolver a pequena lavoura do município, providenciasse no sentido de se fazer conveniente propaganda da cultura do algodão, incumbindo-se de adquirir sementes para a distribuição gratuita aos lavradores e distribuindo circulars em que se mostrem as vantagens e conveniências que resultarão no desenvolvimento desse ramo de agricultura no município, invocando para fim de propaganda, o auxílio do comércio desta cidade e dos inspetores de quarteirão de bairros”.

Este fato ocorreu no ano de 1863 e nos anos seguintes perceberam os lavradores itapevenses os resultados e, como ocorrera na próxima cidade de Sorocaba no início os agricultores plantavam o algodão de forma rudimentar e junto com culturas de subsistência com a diferença entre as culturas é que o algodão possui mercado garantindo e rentabilidade maior - gerada em parte pela pressão da demanda internacional -, com os incentivos e a propaganda prol algodão patrocinado pela Câmara Municipal, se tornou uma espécie de “corrida ao ouro” em Itapeva, mas esta corrida era entre os agricultores para plantar/buscar o “ouro branco” como afirma o autor GRETZ (2002, p. 39) sobre a plantação de algodão em Itapeva:

“O algodão era chamado de ‘ouro branco’ porque dava muito dinheiro. Até as pessoas foram para sítios e fazendas plantar o ‘ouro branco’, que era vendido por bom preço. Muitos dos compradores de algodão pagavam à vista e até adiantado. O negócio do algodão foi tão lucrativo que todas as lojas do comércio vendiam fiado para os pequenos agricultores, com pequeno juro para receber na época da colheita. (...) Qualquer pessoa pobre plantava o algodão (...). Com lucro do algodão eles ficavam com a vida melhor...”.

Conforme o editorial do jornal a FOLHA DO SUL (1971) de Itapeva, que

destaca a importância da cultura do algodão para desenvolvimento do município de Itapeva e suas conseqüências internas e externas ao município, no início do sétimo decênio do séc. XIX:

“A cultura de algodão, altamente desenvolvida na região e, em Itapeva principalmente, por volta de 1870, foi o primeiro elemento de desenvolvimento de nossa cidade, propiciando mesmo os primeiros passos para industrialização, com a instalação de 15 máquinas de desencaroçar algodão. Nessa época, ou melhor, em 6 de abril de 1872, Itapeva da Faxina passou a condição de Comarca, tamanho fora o desenvolvimento que o algodão nos proporcionou”.

Nessa época de euforia e febre do algodoeiro, os agricultores itapevenses vendiam a totalidade de sua produção quase que “*in natura*” do algodão - pois passavam por um simples beneficiamento que era o desencaroçamento do algodão -, aos mercados consumidores de Sorocaba e Itu, como fora exposto acima um importante centro têxtil do Estado na época, para serem beneficiadas e transformadas em tecidos com isso preparadas para a exportação ou para o consumo interno – o meio de transporte para Sorocaba ainda era o mar, o algodão deu sobrevida ao tropeirismo em Itapeva, como vimos na seção 2.2. -, sendo Itapeva um importante fornecedor desta matéria prima. Mas mesmo assim, com uma produção primária de baixo valor agregado, fora um período de claro progresso, a cultura do algodão e com seu início de industrialização no Município, com o passar dos anos os agricultores se uniam mais e mais e dessa união, formavam e realizavam reuniões que discutiam formas para desenvolver mais a produção do algodão, formas de financiamento para as primeiras manufaturas que iam além do simples desencaroçamento do algodão para a própria fabricação de tecidos em Itapeva.

Dessa forma delinearão e impulsionarão o desenvolvimento e o progresso da cidade, pois desse modo formavam uma elite dominante – financeiramente forte e altamente culta este detalhe fora único até o momento histórico itapevense que a duras penas conseguiu criar enfim uma elite econômica aonde todos os participantes - produtores de algodão na sua maioria -, eram realmente moradores da cidade, e sua

maior virtude é que eram progressistas e desenvolvimentistas, investindo amplamente no desenvolvimento local, em diversas áreas como em infra-estrutura, saúde, cultura e lazer, exigindo dos políticos locais a mesma conduta, para que a cidade conseguisse obter o desenvolvimento socioeconômico desejado por eles, pois não se conformavam com a realidade desencorajadora apresentada no censo de 1874, feito pelo Cel. Emídio José da Piedade, para o Governo da Província:

TABELA 2 – CENSO DE ITAPEVA - 1874.

| CRITÉRIO DO CENSO | QUANTIDADE DE HABITANTES |
|-------------------|--------------------------|
| Homens | 5033 |
| Mulheres | 4996 |
| Solteiros | 6781 |
| Viúvos | 414 |
| Casados | 2834 |
| Adultos | 3995 |
| Menores | 6034 |
| Branços | 5815 |
| Pardos | 3328 |
| Pretos | 886 |
| Alfabetizados | 936 |
| Analfabetos | 9093 |
| Livres | 9183 |
| Cativos | 846 |
| Católicos | 10027 |
| Acatólicos | 2 |
| Total Geral | 10029 |

FONTE: BARBOSA (1988, vol.3 p.45).

NOTA: Organizada pelo Autor.

Dessa união dos produtores do algodão – liderados no início pelo Coronel Antônio Queiróz, grande baluarte do desenvolvimento de Itapeva -, neste ciclo de 1870 - 1940, reverteram em investimentos - com excedente que obtinham do algodão-, concretos para a cidade a fim de reverterem o quadro social do município, a os seguintes melhoramentos em ordem: a Maçonaria (Loja União e Caridade III, em 1882) que na sua totalidade eram os “Senhores do Algodão” ou os envolvidos diretos com eles, e a onde planejavam as suas ações, o teatro (Teatro Santana, 1885), a Santa Casa de Misericórdia Itapeva (1888), o primeiro Grupo Escolar de Ensino Básico

(1900), o encanamento de água da cidade (1886-1900), o telégrafo (1895), a luz elétrica (1903), estrada de ferro (1909) e o cinema (Cine Íris, 1911).

Em paralelo em 1889, seguiam os passos do algodão alguns produtos agropecuários, mas com a diferença dos excedentes gerados e investidos na cidade fora somente dos produtores do algodão, somente o Coronel Crescêncio Fereira de Melo, que era o maior produtor de café de Itapeva, tinha investimentos em obras, atividades sociais e militares – este último, foi o motivo de sua falência, pois financio o conflito entre os Legalistas (Pres. Mal. Floriano e o Gov. Bernadino de Campos de São Paulo) e os Rebeldes (Gaúchos, comandados por Gumercindo Saraiva) que ocorreu nos solos itapevenses em 1894, e não recebeu nenhuma recompensa em dinheiro, por isso, somente a elevação de Coronel para Major da Guarda Nacional -, abaixo veremos as principais atividades econômicas de Itapeva no 1889, e ainda o café tinha maior produção que o algodão, e entre a produção de gado animal, os gados suínos tinham larga preferência sobre os vacuns, pois a banha de porco era bastante procurada, pois era utilizada como insumo em vários produtos alimentícios industrializados – especificamente na conservação dos alimentos industrializados entre outros fins -, do início da industrialização paulista.

TABELA 03 – ATIVIDADES AGROPECUARIAS DE ITAPEVA - 1889.

| ATIVIDADES | QUANTIDADES PRODUZIDAS |
|------------|------------------------|
| Porcos | 30.000 ¹ |
| Vacuns | 22.000 ¹ |
| Algodão | 150.000 ² |
| Café | 180.000 ² |

FONTE: BARBOSA (1988, vol. 3 p. 46).

NOTA: (1) Unidade. (2) Kg.

No final do séc. XIX por volta de 1890 começam a aparecer os primeiros imigrantes de europeus não portugueses na cidade, os italianos em maior número - depois da virada do século aparecem os germanos, lituanos e etc. -, em busca do trabalho no campo, alguns seguem para as fazendas de e a maioria para as de algodão,

mas os números de imigrantes não chegaram nem perto do número de imigrantes que foram para as outras regiões do estado, como por exemplo, Itu e Salto, mas tiveram muita influência no século passado na cidade.

Com a falta de dinheiro do Cel. Crescêncio após a revolução legalista – como vimos acima -, foram dispensados todos os italianos de sua fazenda e estes seguiram para trabalhar na cidade – onde encontraram muito espaço para trabalhar, pois conheciam inúmeros ofícios e conseguiram um amplo entrosamento na sociedade casando com famílias tradicionais da cidade -; coincidentemente logo após o ocorrido surgem os primeiros rumores do movimento em prol da instalação de uma fábrica de tecidos em Itapeva, inicialmente lideradas através das palavras do eloqüente, Sr. Deputado Provincial Jaguaribe, e prontamente seguida pelos lavradores e beneficiadores do algodão como se vê pelos documentos e a artigos da imprensa de setembro de 1897, através do autor BARBOSA (1988, 3 vol., p. 120): “Foi lido um ofício do Diretório desta cidade pedindo a Câmara a sua intervenção na propagação do cultivo do algodão neste município e o estabelecimento de uma máquina de beneficiar o produto deste, nesta cidade, convocando uma reunião do comércio desta praça a fim de deliberarem sobre este grande melhoramento”.

A Câmara responde com rapidez, em 1º de outubro do mesmo ano, o ofício recebido, “Foi indicado pelo Capitão Casemiro Alves Pereira de Queiróz, vereador da Câmara, que se convocasse uma reunião do comércio desta praça para o dia 30 do corrente, na sala da Câmara Municipal, a fim de tratarem do desenvolvimento da lavoura do município”. Em maio do ano seguinte, a Câmara volta a convocar os envolvidos e interessados, da cultura do algodão para uma segunda e definitiva reunião para o dia 30 de maio, segundo BARBOSA (1988, 3 vol. p. 122), “... nomeia uma comissão composta dos cidadãos: Ten.-Coronel Antônio A. P. de Queiróz, Cap.-Alferes Arlindo do A. Castro e J. Ferrari [imigrante, já participando em assuntos de interesse local], afim de convidarem pessoalmente todos os comerciantes desta praça,

explicando aos mesmos o fim da reunião e dos resultados benéficos que provirão desta idéia, (...) incremento da cultura de algodão do município.”, e fruto da última reunião temos o seguinte desdobramento, logo em 1º de julho do corrente, “A Câmara resolveu montar, nesta cidade, uma máquina a vapor para beneficiar algodão, ficando para isso autorizado o poder executivo a depender a importância de vinte contos(...)”. Vê-se claramente o interesse e agilidade do Poder Público Municipal, em ajudar e resolver os anseios dos Algodoeiros, isto mostra o poder e influência deste setor sobre os meios públicos e a sociedade itapevense da época, que não existiu de igual maneira por qualquer outro setor da economia contemporânea ao do algodão ou do passado, até então.

Outra grande conquista dos “Senhores do Algodão”, foi em setembro de 1900, a onde o vereador Arlindo A. Castro indica, a isenção de impostos as máquinas beneficiadoras de algodão, que assim discursa em sua eloquência com toque de sensacionalismo para lograr êxito, na Câmara Municipal em 1º de setembro de 1900, e com isso obtém sucesso em seu pleito, conforme mostra BARBOSA (1988, 3 vol. p.127):

“ Considerando que a cultura do algodão é uma das maiores fontes de riqueza, a qual não tem se desenvolvido em sua plenitude neste município, e considerando que para este aumento, além da propaganda precisa, mostrando a sua importância e vantagens, é ainda necessário que haja máquinas para beneficiar o algodão em diversos pontos deste município, para assim mais facilitar o desenvolvimento desta riquíssima lavoura, e tendo todas as zonas terreno próprio para esta lavoura, e para facilitar o baldeio do algodão às máquinas indico que a Câmara conceda privilégio com isenção de direitos, por dez anos contados da sua instalação, às pessoas que quiserem montar máquinas aperfeiçoadas para este fim, contanto que sejam iniciados os seus trabalhos de assentamento dentro de um ano e terminados dentro de dois anos, contados da publicação da presente lei, até o número de seis máquinas, inclusive as que possam existir neste município, facilitando-se assim as vantagens aos que quiseram montar máquinas, como também os diversos lavradores nos diversos pontos precisos.”

No início do novo século, Itapeva que progrediu teve as suas conquistas - como já vimos – as custas do algodão, os estrangeiros que vieram por causa das oportunidades criadas, imprimiram suas marcas no espaço itapevense dando novas

formas as antigas configurações da cidade, resultado de seus anseios, experiências e principalmente de seu trabalho, a estrada de ferro deu um novo alento, uma dinâmica diferente, uma velocidade imprimida pela maria-fumaça, e não mais a do trote das tropas, foi o auge do ciclo do ouro branco. Mas viu também a queda da produção do algodão, com a retomada da prolação Norte-Americana nas décadas de 1910 e 1920 e de outras regiões paulistas que começaram a produzir mais e com qualidade depois da queda do café em 1930, que mais forte pesou foram às pragas que enfestaram e destruíram nossos algodoads em 1930, juntamente com a crise de financiamento da época e a revolução de 1930 que passou por Itapeva, acabando-se assim as plantações de algodão no município.

Na fase áurea do algodão Itapeva, não soube aproveitar e ficou dependendo de uma única atividade “primária exportadora”, e apesar de várias tentativas tanto do setor público como dos produtores que se uniram para levantar capital no objetivo de construir uma fábrica de tecidos e de um setor têxtil, não conseguiram vingar – como em Itu e Sorocaba fora conseguido-, e de não conseguir utilizar o excedente do algodão à um acúmulo primitivo para ser utilizado no financiamento da industrialização de forma maciça, concreta e diversificada, como aconteceu em Sorocaba que recebera na época a alcunha de a “Manchester Paulista” pela sua enorme produção industrial de tecidos e sua diversificação de empresas e fábricas do setor têxtil, e Itapeva ficou apenas nas máquinas de desencarocamento e beneficiamento de plumas do algodão. Itapeva continuou graças à permanência de um comércio forte e estabelecido, durante o ciclo do algodão, e de lavouras de grãos e cereais e da produção de porcos e de bovinos, até as descobertas de ricas jazidas de minerais no seu subsolo e sua exploração, que veremos a seguir no próximo item.

3.4 MINÉRIOS: 1940 A 1970.

O município de Itapeva sempre teve como vocação econômica produzir artigos provenientes do campo e da terra, graças a sua topografia e condições do seu solo fértil. Foi com feijão, milho e trigo e algumas produções pecuárias de gado vacum e de suínos que a cidade se manteve, pois eram atividades esparsas e de pouco volume monetário que não chegaram a ser um ciclo de prosperidade e de excedente econômico, mas de fundamental papel de transição para um novo ciclo de prosperidade no município, que foi a da extração mineral.

Conforme a edição, de setembro, do jornal local a FOLHA DO SUL (1969), a primeira Caieira oficialmente instalada e com rendimentos econômicos satisfatórios em Itapeva, foi em 1922, e sua produção mensal não passava de 800 sacos de cal virgem, isto despertou interesses de grandes grupos nacionais da área que voltaram suas atenções para Itapeva. Então a partir de 1940, ganharam força em Itapeva as atividades voltadas para a extração mineral e conseqüente instalação de indústrias ligadas ao setor, que fazem a transformação da matéria-prima em produto final, sendo assim, a maior parte do setor secundário está voltada a este tipo de indústria, pois, os tipos de minério encontrados em Itapeva por pertencer, à formação rochosa do grupo de subsolo São Roque, é muito rico em calcário, o que favoreceu a instalação de vários empreendedores industriais do ramo da Cal e Cimento, para sua extração, produção e beneficiamento do minério. No período de 1940 a 1955, se instalaram no município as empresas de porte nacional: Cobrazi, Laminação Nacional de Metais – LNM (ambas do mesmo Grupo), Cia. Mineradora São Mateus (que anos mais tarde foi incorporada ao Grupo Votorantim), S/A Industrias Votorantim, Cia. De Cimento Maringá e a Brancal S/A, e algumas menores, mas de capital próprio do município, como: Sanbra, Corsolo, José Aranha, Alceu Pontes, Ferreira, Jamil Leão Brasileiro e Francisco de Barros.

Com a chegada dessas empresas de porte nacional para produzir em Itapeva, a competição de produção e “capital de venda”, começou a ser desigual com as empresas locais e muitas delas não sobreviveram, e iniciaram processos de vendas, fusões e aquisições entre elas, principalmente das grandes sobre as empresas locais, para se ter um exemplo em 1971, conforme o jornal FOLHA DO SUL, a empresa de cimento Maringá produzia 12.000 mil sacas (cada saca possui 50 KG) de cimento por dia e possuía 645 funcionários e a Votorantim produzia no mesmo ano 730.000 sacas de cal hidratada e 120.000 sacas de cal neve -- para pintura -, algo impensável para as pequenas empresas da cidade e, de até algumas, grandes e médias empresas instaladas no município. Resultado que no final dos anos 1970 sobraram apenas as empresa Maringá (cimento) e Votorantim (cal), formando um monopólio local, pois ambas não competiam entre si uma estava no ramo de cimento e a outra na cal.

Após este período, em 1960, Itapeva correspondia com 4,52% do pessoal ocupado na indústria na região de Sorocaba e com 5,42% em 1970 (conforme a tabela 04, a seguir). Aproximadamente de 55% a 60% deste total de empregos gerados na indústria, corresponde com os trabalhadores no setor de mineração, isto mostra a quantidade de pessoal ocupado neste setor e o peso correspondente do setor no número de empregos gerados no município e a dependência da cidade em relação ao setor. É neste período que Itapeva explode demograficamente, saltando de 74.000 habitantes aproximadamente em 1940 e chega aos 142.000 habitantes em 1970, se tornando a segunda maior cidade da região e a 48^a. cidade do estado, graças às explorações minerais e as produções de cal e cimento, que geraram empregos e oportunidades que atraíam força de trabalho de fora e dava condições para os moradores da cidade se manterem.

Na tabela 05, mostra a volúpia da indústria de mineração em relação aos demais setores industriais na capacidade de gerar emprego e renda na cidade de Itapeva nas décadas de 1960 a 1970. Isto comprova que o ciclo da mineração fora

muito importante para cidade na geração de emprego e de certa forma trouxe benefícios para cidade, pois também houve crescimento tanto populacional como na renda das pessoas da cidade.

TABELA 04 – TXS. ANUAIS DE CRESCIMENTO GEOMÉT. DO PESSOAL OCUPADO NA INDÚSTRIA – 1972.

| SUB-REGIÕES | PESSOAL OCUPADO 1960 | % | PESSOAL OCUPADO 1970 | % | CRESCIMENTO 60/70 |
|--------------|-------------------------|--------|-------------------------|--------|----------------------|
| Sorocaba | 31.460 | 78.16 | 34.948 | 75.32 | 1.5 |
| Tatuí | 3.309 | 8.23 | 3.258 | 7.02 | -0.2 |
| Itapetininga | 798 | 1.98 | 1.501 | 3.24 | 9.4 |
| Capão Bonito | 350 | 0.87 | 640 | 1.38 | 9.0 |
| Avaré | 687 | 1.71 | 817 | 1.76 | 2.5 |
| Itapeva | 1.823 | 4.53 | 2.717 | 5.86 | 5.8 |
| Botucatu | 1.817 | 4.52 | 2.515 | 5.42 | 4.7 |
| REGIÃO | 40.230 | 100.00 | 46.396 | 100.00 | 2.0 |

FONTE: DIAGNOSTICO 4 REGIAO ADM. (1972, P. 5/9).

Enquanto Itapeva crescia a 48,3% a geração de empregos de seu setor industrial, Itapetininga e Capão Bonito passavam de 80% de crescimento e Sorocaba apesar de crescer no período apenas 10% o seu volume e diversificação eram os maiores da região e contava com grandes empresas locais da própria Sorocaba, e também a geradoras de produção de Sorocaba ficavam na sua maioria no segmento de indústrias modernas e as de Itapeva a grande parte ficavam no das indústrias intermediárias, conforme DIAGNÓSTICO (1972). Mais uma vez a elite local de Itapeva, não soube utilizar-se desse poderio industrial emergente, nem politicamente e muito menos economicamente, pois não conseguimos investimentos pesados em infraestrutura do governo para o apoio do desenvolvimento econômico do estado – o que ocorreu na década de 1960 foi a pavimentação asfáltica da rodovia para São Paulo, e que no mesmo período outras regiões do estado estavam recebendo duplicações e terceiras faixas em pistas já duplicadas, nas suas rodovias – na área da educação a cidade recebeu do Governo Paulista na década de 1970 uma escola técnica de minas e metalurgia (poderia ser de ensino superior) estas foram as únicas atuações do governo estadual para um município no auge de seu crescimento, e também não surgiu um

grupo industrial forte de pessoas e de capital do município do setor minereiro, no máximo apareceu empresas exploradoras e extratoras de recursos minerais que vendem apenas o minério “*in natura*”, que existem até hoje.

TABELA 05 – TAXA DE CRESCIMENTO DE PESSOAL OCUPADO NA INDUSTRIA DE ITAPEVA – 1972.

| GENEROS | PESSOAL OCUPADO 1960 | PESSOAL OCUPADO 1970 | TAXA CRESCIMENTO |
|------------------------|-------------------------|-------------------------|------------------|
| Minerais Não Metálicos | 1.084 | 1.390 | 16.79 |
| Papel, Papelão | 81 | 359 | 15.25 |
| Extra. Prods. Minerais | 29 | 179 | 8.22 |
| Metalurgia | 125 | 274 | 8.17 |
| Química | 10 | 59 | 2.69 |
| Mat. Transporte | 8 | 33 | 1.37 |
| Têxtil | 1 | 26 | 1.35 |
| Madeira | 113 | 42 | -3.89 |
| Vestuário | 52 | 29 | -1.26 |
| Alimentares | 204 | 200 | -0.22 |
| Outros | 168 | 126 | -0.19 |
| TOTAL | 1.823 | 2.717 | 48.27 |

FONTE: DIAGNÓSTICO 4 REGIÃO ADM. (1972, P. 5/13).

O que ocorre, entretanto, é a extração desses minérios e a transformação de alguns em produto final, como por exemplo, o cimento e a cal, mas muitos dos minerais, depois de extraídos, são mandados para fora do município, e depois irão servir de elementos básicos e insumos na industrialização de diversos produtos e retornarão muito mais caros e sem benefícios para a cidade. Estes benefícios poderão ser melhormente compreendidos na forma de investimentos contínuos na cidade e não ficar refém ou dependente de investimentos de empresas de fora para poder o município crescer, isto é, do excedente econômico ficar no município na mão de seus “filhos”, e não só na forma de geração de empregos (que isto não seja importante, mas só isso não basta) e gerados por grupos de fora, pois o que aconteceu na década seguinte, a de 1980, foi a comprovação houve uma estagnação de investimentos por parte da indústrias de fora – Votorantim e Maringá - e conseqüentemente do recuo também dos números de empregos e renda na cidade, e também do tamanho da cidade aonde a cidade de Itapetininga passou Itapeva em número de habitantes.

4. EVOLUÇÃO DOS INDICADORES SOCIAIS DE ITAPEVA.

A Sub-Região de Itapeva é a única, além da Sub-Região de Sorocaba, a ter sofrido um crescimento total maior que o apresentado pela população regional entre os anos 1940 e 1970. Embora apresentando taxa de crescimento menor que a da região no primeiro decênio, esta sub-região tem evidenciado, nos períodos subseqüentes, aceleração no crescimento de sua população, mantendo-se desde então acima da taxa regionais, decorrentes das maciças oportunidades de empregos gerados pela mineração, fortemente presente no município de Itapeva.

Evidencia-se pelos dados anteriores, a não uniformidade no crescimento demográfico entre as diversas sub-regiões, tendo uma discrepância significativa da região de Sorocaba com as demais. A Sub-Região de Sorocaba destaca-se pelos índices apresentados e pela crescente participação de sua população no total regional (vide tabela abaixo). A posição de destaque desta sub-região deve-se à concentração de indústrias de transformação que aí se verifica, e à presença do município de Sorocaba, capital regional. Deve ser lembrado ainda que é a Sub-Região mais próxima da capital e a que apresenta, no contexto regional, maior dinamicidade econômica.

TABELA 06 – POPULAÇÃO DA REGIÃO DE SOROCABA DO PERÍODO DE 1940 A 1970.

| SUB-REGIÕES | POPULAÇÃO 1940 | % 1940 | POPULAÇÃO 1950 | % 1950 | POPULAÇÃO 1960 | % 1960 | POPULAÇÃO 1970 | % 1970 |
|--------------|----------------|--------|----------------|--------|----------------|--------|----------------|--------|
| Sorocaba | 201.895 | 30,84 | 251.447 | 35,52 | 340.864 | 38,42 | 462.926 | 41,60 |
| Tatuí | 78.250 | 11,95 | 78.107 | 11,04 | 89.768 | 10,12 | 97.579 | 8,78 |
| Itapetininga | 65.306 | 9,97 | 69.640 | 9,85 | 81.478 | 9,17 | 100.180 | 9,07 |
| Capão Bonito | 47.969 | 7,33 | 57.075 | 8,06 | 65.756 | 7,42 | 80.181 | 7,22 |
| Itapeva | 74.986 | 11,45 | 79.222 | 11,19 | 109.370 | 12,32 | 142.327 | 12,81 |
| Avaré | 84.445 | 12,90 | 71.942 | 10,16 | 91.555 | 10,32 | 111.138 | 10,00 |
| Botucatu | 101.883 | 15,56 | 100.373 | 14,18 | 108.479 | 12,23 | 116.208 | 10,46 |
| REGIÃO | 654.734 | 100,00 | 707.806 | 100,00 | 887.310 | 100,00 | 1.111.169 | 100,00 |

FONTE: IBGE.

A evolução desenfreada da população e de crescimento de Itapeva não teve

prosseguinto na década seguinte de 1970 - e conforme o censo do IBGE (2000) Itapeva possuía 82.866 habitantes -, a decorrente a uma diminuição significativa do número de emprego e de investimento privado com o fim do ciclo da mineração, cabendo a prefeitura arcar com um aumento das despesas sociais, devido ao desemprego. Pois nas décadas de 1980 e 1990 – que não são o foco deste trabalho -, não só Itapeva, mas, o Brasil teve uma estagnação econômica, sendo nos municípios menores que se sente amplamente a crise econômica, conforme afirma a fundação SEADE (2003).

Este cenário refletiu nos índices sociais do município com médias aproximadamente entre 0,6 e 0,75 no IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), onde se encontra posicionado numa faixa intermediária no ranking de cidades do estado, e com a relação dos municípios da região concentra-se em uma condição um pouco mais favorável – índices estes medidos pelo programa das Organizações das Nações Unidas (ONU), de mensuração do nível de desenvolvimento humano através do IDH, de 1991 e 2000, conforme o ATLAS DE DESENVOLVIMENTO HUMANO (2000). Itapeva teve um fraco desempenho no IDH, tanto de 1991 como de 2000, devido ficar abaixo de 0,6 em alguns dos componentes do índice nos campos de longevidade e fator econômico e forte no campo da educação onde ficou acima de 0,8, mostrando que sua saúde(longevidade) e renda (fator econômico) são fatores que emperram o seu desenvolvimento socioeconômico .

Na tabela 07 a seguir, mostra o desempenho das cidades vizinhas da Micro-Região de Itapeva, e da Meso-Região de Sorocaba, onde somente cinco cidades passam de 0,8 no ranking de 2000 e nenhuma cidade passou de 0,8 no ano de 1991, mostrando a deficiência social e econômica que se encontra não só Itapeva, mas também toda a região Sudoeste Paulista. Esta tabela confirma o desenvolvimento sofrível do município de Itapeva e sua estagnação após 1970, em relação as cidades jovens da região comparativamente, como Salto, Iperó e Sarapuí.

TABELA 07 – IDH DAS CIDADES DA REGIÃO DE SOROCABA – 1991 E 2000.

| MUNICÍPIO | ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO MUNICIPAL, 1991 | ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO MUNICIPAL, 2000 |
|------------------------------|--|--|
| Alambari (SP) | 0,691 | 0,748 |
| Alumínio (SP) | 0,724 | 0,787 |
| Angatuba (SP) | 0,701 | 0,762 |
| Apiai (SP) | 0,664 | 0,716 |
| Araçariguama (SP) | 0,694 | 0,77 |
| Araçoiaba da Serra (SP) | 0,725 | 0,785 |
| Barão de Antonina (SP) | 0,622 | 0,706 |
| Barra do Chapéu (SP) | 0,59 | 0,646 |
| Bom Sucesso de Itararé (SP) | 0,594 | 0,693 |
| Buri (SP) | 0,658 | 0,701 |
| Campina do Monte Alegre (SP) | 0,689 | 0,742 |
| Capão Bonito (SP) | 0,663 | 0,716 |
| Capela do Alto (SP) | 0,705 | 0,748 |
| Coronel Macedo (SP) | 0,661 | 0,711 |
| Guapiara (SP) | 0,618 | 0,706 |
| Guareí (SP) | 0,672 | 0,746 |
| Iperó (SP) | 0,745 | 0,779 |
| Iporanga (SP) | 0,632 | 0,693 |
| Itaberá (SP) | 0,689 | 0,735 |
| Itaóca (SP) | 0,577 | 0,65 |
| Itapetininga (SP) | 0,739 | 0,786 |
| Itapeva (SP) | 0,688 | 0,745 |
| Itapirapuã Paulista (SP) | 0,574 | 0,645 |
| Itaporanga (SP) | 0,665 | 0,709 |
| Itararé (SP) | 0,684 | 0,732 |
| Itu (SP) | 0,754 | 0,815 |
| Mairinque (SP) | 0,746 | 0,801 |
| Nova Campina (SP) | 0,606 | 0,709 |
| Porto Feliz (SP) | 0,747 | 0,8 |
| Ribeira (SP) | 0,623 | 0,678 |
| Ribeirão Branco (SP) | 0,565 | 0,649 |
| Ribeirão Grande (SP) | 0,608 | 0,705 |
| Riversul (SP) | 0,615 | 0,694 |
| Salto (SP) | 0,749 | 0,809 |
| Salto de Pirapora (SP) | 0,681 | 0,771 |
| São Roque (SP) | 0,743 | 0,82 |
| Sarapuí (SP) | 0,681 | 0,756 |
| Sorocaba (SP) | 0,777 | 0,828 |
| Taquarituba (SP) | 0,68 | 0,741 |
| Taquarivaí (SP) | 0,632 | 0,702 |
| Votorantim (SP) | 0,744 | 0,814 |

FONTE: ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO (2000).

Mostra também a necessidade urgente, de uma retomada de fôlego econômico e rejuvenescer os fatores dinâmicos da economia itapevense, através de uma diversificação industrial e de melhores formas de distribuição de renda. Atraindo mais empregos para melhorar o índice de renda do IDH e os governos da federação investirem mais na saúde do município principalmente na mortalidade infantil, que prejudica sensivelmente o indicador de saúde do IDH.

5. ITAPEVA E OS ASPECTOS GEOGRÁFICOS.

É importante conhecer as realidades naturais e geográficas para que possamos definir o meio em que vivemos, pois as condições naturais podem definir o modo de agir, o modo de pensar e o temperamento dos indivíduos e conseqüentemente da sociedade em geral, e também como determinar as atividades econômicas possíveis de se manifestarem em uma determinada localidade ou região, com todos esses elementos poderá ser definido um espaço geográfico e econômico de Itapeva e poderemos chegar a alguns diagnósticos ao longo desta seção ou ao final deste trabalho termos elementos suficientes para conclusão, sobre as potencialidades naturais e econômicas de Itapeva, se são ou não bem aproveitadas.

As informações encontradas a seguir nesta seção, sobre os aspectos geográficos de Itapeva, foram observados conforme o mapa geológico do IBGE (1980) e o relatório de atividades do IBGE (1996). Itapeva localiza-se no sudoeste do Estado de São Paulo e sudeste do Brasil, dista da Capital paulista em 280 Km. Está na Meso-Região administrativa de Governo de Sorocaba (SP) e faz divisa com os seguintes municípios, formando a região sudoeste paulista: Itaberá, Itai, Itararé, Paranapanema, Buri, Capão Bonito, Ribeirão Branco, Apiaí, Nova Campina, Bom Sucesso de Itararé, Taquarivaí e Guapiara, e sendo Itapeva cidade pólo e sede da Microrregião

administrativa. O ponto extremo do município ao Norte é 23° 34'46.66''S e ao Sul 24° 00' 9.28''S (latitude) e 46°44' 21.13''W a leste e 46°59' 54.69''W a oeste (longitude). A cidade está a 726m acima do nível do mar e juntamente com a sua coordenada de longitude e latitude , que a coloca abaixo do trópico de Capricórnio, formaram as condições naturais necessárias para se obter um clima de ameno a frio no município, que veremos a seguir.

5.1 SOLO E SUBSOLO

O município dispõe no seu solo áreas de possibilidades econômicas favoráveis para o plantio e para pecuária e subsolo pertencem a sua maioria aos grupos São Roque, Paraná (devoniano, formação furnas) e o Tubarão – estes grupos ricos em calcários e outros minerais metamórficos como o filito, que veremos a seguir -, que contem relevo ondulado, com áreas mais suaves e outras bastante declivosas e erodidas. Existem, entretanto, área praticamente plana, facilmente mecanizável. A estrutura geológica do subsolo conta com as seguintes formações: Carbonífero Permiano – Grupo Tubarão, aonde se encontram os minérios do gênero dos arenitos, siltitos, diamictos rilmitos e mistitos, as estruturas pré –cambianas que possuem os seguintes minerais: filitos, metarenitos, metaconglomerados, granitos, migmatitos associados, quartzitos (médio porte), calcários e dolomitos, calcoxistos, calcosilicicados, essa formação de minerais são as que fornecem condições para exploração econômica, por ser de volume maior, boa qualidade, fácil extração e o essencial possuem um enorme potencial de mercado, pois é deles que formam o cimento a cal insumo básico para as inúmeras construções civis, do Brasil e do mundo. Última estrutura, a jurássica-cretácea aonde se encontra intrusivas básicas.

5.2 CLIMA E VEGETAÇÃO

Predomina na região o clima subtropical, mas possuindo um inverno rigoroso, sem estiagem, com chuvas predominantemente abundante no verão. Nos meses de clima frio do inverno, é comum a ocorrência de geadas. Este tipo de clima aliado à presença de solos pobres na maior parte é, responsável por uma vegetação natural de campos e campos cerrados, entremeados de capoeiras, onde os solos são mais ricos ou beirando os rios e riachos.

Abaixo segue as relações físico-naturais, da região, com os indicadores de referencias médias do ano de temperatura, capacidade pluviométrica e umidade relativa do ar:

1. Temperatura:

Média anual 20,3°C

Média do mês mais quente: 29,3°C

Média do mês mais frio: 9,4°C

2. Precipitação Pluviométrica:

Anual: 1.467,5mm.

Média do mês mais chuvoso: 208,3mm.

Média do mês mais seco: 63,1mm.

3. Umidade Relativa:

Média anual: 76%.

5.3 RELEVO.

A morfologia do relevo, da maior área do município de Itapeva, é muito acidentada, contando com serras, morros, marretes, escarpada e colinas, propiciando belas paisagens naturais, como longas encostas com cânions, rios com corredeiras, inúmeras vertentes, várias quedas d'águas e cachoeiras lindíssimas. Mas, por outro lado para a produção agropecuária, atrapalha bastante, pois não são todas as plantas que se adaptam e o emprego de investimentos para conseguir resolver o problema é alto, e os gados ficam mais fortes e musculosos fazendo cair o preço da carne. Porém existem regiões planas de planalto e planícies de aluviais a onde surgem às terras mais férteis.

Itapeva está localizada na região morfológica do Estado, chamada “Depressão Periférica”, nos limite desta, com o Planalto Atlântico, aqui representado pela Serra de Paranapiacaba. Seus terrenos são sedimentares antigos, na maior parte, com algumas áreas cristalinas nos trechos dominados pelos contrastes da Serra de Paranapiacaba. Ocorrem alguns minerais economicamente aproveitáveis, tais como: Filito, cobre e o talco.

5.4 HIDROGRAFIA

A drenagem do Município é feita, por vários rios da bacia hidrográfica do Paranapanema pela sua margem esquerda, e com a ausência de um grande número de agentes poluidores, a maioria parte dos rios do município Itapeva escoam, águas límpidas e puras. Por possuir um relevo acidentado pelo fato de estar na linha de contacto entre a Depressão Periférica e os contrafortes da Serra de Paranapiacaba são proporcionados trechos encachoeirados dos rios, os de maior porte ocorre o

aproveitamento hidroelétrico por parte da iniciativa privada, em alguns deles, mas os maiores aproveitamentos dos rios estão na pesca e na captação de água tanto par o consumo como para irrigação.

Os principais rios que abastecem e banham o município são: os Rios dos Carrapatos, dos Prudentes, do Fonseca, da Invernada, do Leme, Apiaí-mirim, Apiaí-Guaçu (este contem duas barragens para produção de energia), Taquari e Pirituba; os Ribeirões do Fundo - a onde existe o reservatório de água para abastecer a cidade -, Timbuva, Enxovia e do Caçador; os Córregos do Aranha (este fica um reservatório de reserva, para uma emergência no abastecimento de água da cidade), do Lageado e do Mata-Fome (este recebe o esgoto da cidade, ainda sem o devido tratamento), córregos estes que cortam o perímetro urbano do município.

6. CONCLUSÃO

No Brasil, os enfoques da maioria dos trabalhos das áreas de história e desenvolvimento econômico são na maioria das vezes para planos nacionais ou na minoria das vezes para esfera estadual, muito raramente vemos trabalhos, obras ou pesquisas de repercussão no meio acadêmico no âmbito regional ou municipal, por se tratar de um enfoque carente na literatura econômica, portanto, de uma certa forma acaba se tornando empolgante, a evolução histórica do desempenho da economia e da sociedade em geral de um município.

Em Itapeva foi observado, que existem condições favoráveis tanto no aspecto de recursos naturais e como no ambiente de recursos humanos e sociais para que ocorresse um desenvolvimento econômico sustentável e sadio que pudesse acompanhar o ritmo de crescimento das cidades do estado, e que no discorrer do tempo não fora aproveitado de uma maneira correta e bem aproveitada. Portanto, as maiores causas de um fraco desempenho do desenvolvimento econômico de Itapeva

foram por motivos externos e alheios à economia, sejam estes por vários motivos: primeiro, de força política e de pressão junto ao poder central do estado ou da União para promoverem juntos planos de investimentos e cooperações em prol do desenvolvimento do município, e segundo, pela própria inoperância e o conservadorismo exagerado das elites, tradicionais e dominantes do município, fora preciso à chegada de imigrantes e de investimentos externos do município para que pudesse se desenvolver, esta é a principal característica de subdesenvolvimento seja de nação, estado ou município.

Itapeva na história não conseguiu gerar uma elite capitalista residente ou de origem no município que fosse capaz de organizar e orientar o desenvolvimento, como por exemplo, Sorocaba que vimos neste trabalho sempre teve moradores com capital que investiam na cidade todo o excedente dos ciclos econômicos, gerados. Sempre se pautando na agregação de valor nos seus produtos. Analisado que em todos os períodos dos ciclos econômicos do município, Itapeva, obteve crescimento econômico e porque então do seu subdesenvolvimento como cidade, primeiro que crescimento é diferente de desenvolvimento e segundo porque não investiu em qualidade de vida dos cidadãos, não se importou em se modernizar e seus ciclos econômicos eram de baixo valor agregado ou no caso da mineração era apenas um setor industrial classificado de intermediário.

Se estes erros ainda não forem sanados a cidade de Itapeva vai continuar crescendo por que tem potencialidades naturais, mas no mesmo ritmo que vem através dos anos vendo e acompanhando as cidades a sua volta no estado e no Brasil crescendo mais e mais e de forma acelerada.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, E. **Curiosa História de Itapeva no Século XIX** Itapeva:[s.n.] 3 v.,1988.
- BRUNO, E. S. **Viagem ao País dos Paulistas** Rio de Janeiro: Livraria José Olimpio, 1966.
- BIELSCHOWSKY, R. **Pensamento Econômico Brasileiro 1930-1964** 3ª ed. Rio de Janeiro: Contraponto Editora Ltda, 1996.
- CLEMENTE, A. **Economia Regional** São Paulo: Atlas, 1999.
- DIAGNÓSTICO. São Paulo: SEP, 1972.
- EDITORIAL.1769 – 1971 – Eis Itapeva, ano 202. **Folha do Sul**, Itapeva, 20 set. 1971. Edição Especial, n. 552.
- EDITORIAL. 1769 A 1969 – O Bi-Centenário. **Folha do Sul**, Itapeva, 20 set. 1969. Edição Especial de Aniversário.
- FURTADO, C. M. **Formação Econômica do Brasil** Brasília: UNB, 1963.
- _____. **Dialética do Desenvolvimento** 2ª. ed. Rio de Janeiro: Fundo Cultural, 1964.
- GRETZ, R. H. **A Faxina da minha juventude** 2ª. ed. rev. Itapeva:[s.n.], 2002.
- IBGE **Censo de 2000**.
- _____. **Censo de 1996**.
- _____. **Censo de 1980**.
- _____. **Censo de 1970..**
- IPEA. **Atlas do Desenvolvimento Humano**. Brasília: 2004.
- LOBO, R. H. **História econômica geral e do Brasil** 2ª. ed. São Paulo: Atlas, 1969.
- MILONE, P.C. Crescimento e Desenvolvimento Econômico. In: PINHO, D. B.; VASCONCELLOS, M.A. S. de. **Manual de Economia da USP**. 2ª. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1993.p.467-481.
- MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo** 2ª. ed. Tradução de: Ary França e Raul de Andrade e Silva São Paulo: Hucitec-Polis, 1998.
- PRADO JR, C. **História econômica do Brasil** 32ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1946.
- SAINT-HILAIRE, A. **Viagem à província de São Paulo** São Paulo: USP, 1976.
- FUNDAÇÃO SEADE. **Memórias das Estatísticas Demográficas**. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/500anos>> Acesso em: 20 de novembro 2003.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITU. **Historia e Turismo**. Disponível em :
<<http://www.itu.com.br/iturismo/pesquisa2.htm>> Acesso em 30 de novembro 2003.

SILVA, S. **Expansão cafeeira e Origens da industria no Brasil** 7^a. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1986.

STRAFORINI, R. **No Caminho das tropas** Sorocaba: TCM-Comunicações, 2001.